



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

O terreiro, a escola e a arena: espaços de sociabilidade na festa do boi-bumbá fonteboense¹

Virgílio Bandeira do Nascimento FILHO²

Yomarley Lopes HOLANDA³

Universidade do Estado do Amazonas, Parintins e Tefé, AM

Resumo

O boi-bumbá, folguedo noturno de composição dramática simples, carrega em suas apresentações por todo o Brasil uma gama de símbolos e significados. Sua diversidade e adaptabilidade a diferentes contextos nos parece imprescindível para a sua compreensão, conforme pensam Cascudo (2001) e Braga (2002). Tendo em vista essas e outras questões, o presente artigo busca traçar, nem sempre por linhas visíveis, a trajetória histórico-cultural da festa popular do bumbá na cidade de Fonte Boa, interior da Amazônia, pelos espaços do terreiro, da escola e da arena, desvelando-o, através das memórias, imagens e observação participante, ou seja, de uma metodologia mestiça, enquanto importante fator de sociabilidade daquela cidade amazônica.

Palavras-chave: Cultura popular, boi-bumbá, Fonte Boa, sociabilidade.

Fonte Boa ou a cidade que o barranco levou

A cidade de Fonte Boa⁴ é um pequeno espaço urbano de estética simples encravado no coração da Amazônia castigado durante décadas pelo fenômeno das terras caídas, daí talvez sua feição desgastada pelo tempo, suas ruas esburacadas e sem calçamento e suas construções efêmeras. A cidade dista de Manaus cerca de 665 Km em linha reta, são 3 a 4 dias de viagem em um barco regional (recreio) descendo o rio até a capital amazonense.

¹ Trabalho apresentado no GT 2 - Expressões da Folkcomunicação na Cultura Popular, da XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

² Professor Assistente da UEA/CESP, email: virgiliosantarem@hotmail.com

³ Doutorando em Sociedade e Cultura na Amazônia PPGSCA-UFAM, email: yomarleylopes@hotmail.com

⁴ Cidade situada na margem direita do rio Solimões, na sub-região do Alto Solimões, com uma população estimada em 22 mil habitantes (IBGE, 2015).



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

A sede do município acompanha paralelamente e de forma fragmentada o rio Solimões que a banha, mostrando-se, em boa parte, de “costas” para este rio, provavelmente uma herança da colonização cristã europeia que estabelecia a igreja como centro a partir do qual todos os demais segmentos urbanos deveriam fixar-se. Pelo que tudo indica a cidade cresceu ao redor do antigo templo católico, aliás, que nem existe mais por causa do fenômeno das terras caídas⁵ que, no transcorrer dos anos 60, 70 e 80, praticamente levou metade da antiga cidade: a delegacia, a prefeitura, o cartório, praças, as ruas 7 de Setembro, Presidente Vargas, Eurico Gaspar Dutra e Marechal Rondon, muitas casas e a igreja matriz que foi demolida antes de sucumbir à força da natureza.

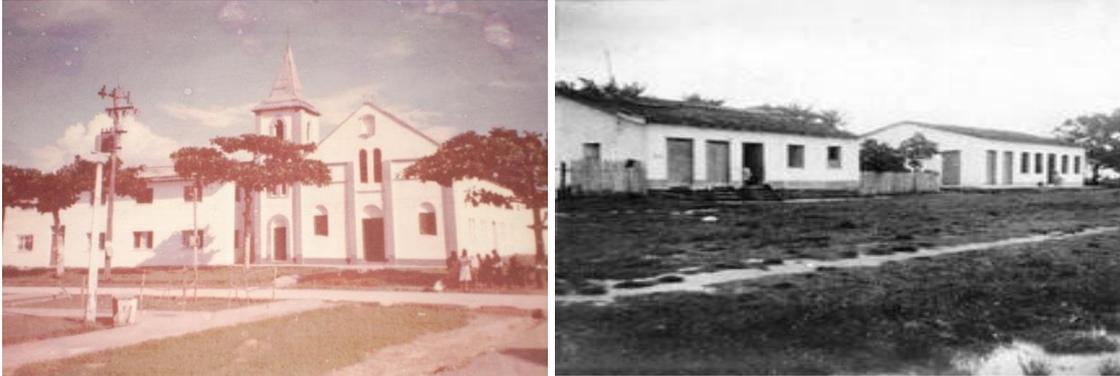
A conversa com muitas pessoas que presenciaram o período crítico da queda dos barrancos me deixou impressionado ao imaginar a violência do fenômeno, seus estrondos ouvidos de longe, a tristeza dos moradores ao verem a parte mais bonita da cidade sendo levada pela correnteza, lembramos dos escritos de José Aldemir (2000, p.23): “A correnteza modifica a paisagem e dá dinâmica à vida que caminhava como se a natureza determinasse nossos passos”. “As comunidades vizinhas de Fonte Boa a chamam de “Foste Boa” em referência à catástrofe que destruiu toda parte antiga da cidade. Parece que o rio Solimões que provocou a chamada queda dos barrancos levou consigo muito da história, da memória de uma cidade que se mostra diferente das demais. O frenesi constante que envolve a cidade parece ser uma vã tentativa de remover da lembrança as agruras do passado”. Diz-nos em entrevista o professor Humberto Lisboa, 59 anos, professor e historiador local.

⁵ Fenômeno comum na região amazônica. Trata-se da erosão causada pela dinâmica fluvial onde o fluxo das águas escava a base dos barrancos localizados nas margens côncavas, causando a ruptura e queda das terras, levando-as para outros lugares através da correnteza.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Figuras 1 e 2 – A cidade que o barranco levou



Fonte: Pesquisa Documental

Nos fins de tarde, os diálogos das pessoas sentadas nos bancos na beira do barranco quase sempre contemplam as ruas que se estendiam onde agora é o rio, alguém me aponta lá longe o local imaginado das antigas casas que hoje repousam no fundo do *Cajaraí*⁶. Memórias que permanecem sobre coisas importantes que o barranco levou. João de Jesus Paes Loureiro (1995, p.230), no texto intitulado “A iluminação poética dos mitos”, assim argumenta sobre a causa das terras caídas na Amazônia: “A ruína de barrancos das margens dos rios e a destruição do cais ou trapiches de muitas cidades ribeirinhas – como Abaetetuba e Cametá, no Tocantins – são atribuídos aos movimentos bruscos e irados da Boiúna que está alojada sob as águas”. Obviamente que o poeta paraense fala de acordo com a perspectiva do imaginário amazônico, das imagens poético-devaneantes construídas pelos caboclos da beira dos rios.

Os grandes barrancos são a marca mais importante da paisagem da cidade e da memória de seus habitantes, principalmente os mais velhos que viveram a catástrofe e por isso lembram dela de forma vivaz. Durante praticamente todas as entrevistas e conversas que tivemos com os moradores da cidade sempre, em algum momento, a queda dos barrancos foi mencionada. Fotografias da antiga cidade antes da queda dos barrancos

⁶ *Cajaraí*: termo Nhengatu que significa “rio dos Cajás ou Taperebás”. É um paraná, curso d’água mais curto que um rio. Alguns dizem que o *Cajaraí* já foi um grande lago que, pressionado pela força do rio Solimões, tornou-se um “pequeno rio” situado bem na frente da cidade.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

são a porta de entrada para um passado que permanece lembrado, para uma cidade que permanece lembrada por seus moradores.

A memória, esse “teatro do passado”, no dizer de Gaston Bachelard (2008, p.28), teve em Maurice Halbwachs (2004), um de seus primeiros estudiosos a pensá-la como estrutura social. O autor afirma que, mesmo sendo os indivíduos responsáveis em lembrar (no sentido físico, literal), são os grupos sociais que determinam o que deve ser “memorável”, e também o que deve ser lembrado de acordo com as suas experiências. Em outros termos, a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, posto que todas as lembranças são construídas no interior de um grupo. Não há dúvida que os fonteboenses se identificam com a destruição de parte da cidade justamente por tratar-se de um evento público importante para todo o grupo social. Até mesmo os jovens que não viveram diretamente o período crítico da queda dos barrancos, lembram desse passado, recordam o que não presenciaram em virtude desta recordação estar viva na fala de seus pais, avós, amigos, vizinhos, etc., o que torna a memória local uma reconstrução coletiva de um acontecimento pretérito vivido.

A lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada. (HALBWACHS, 2004, p.75-76).

A memória coletiva, neste caso, não isenta a memória individual, pois à medida que o indivíduo assume-se como parte de uma coletividade, toma para si a história dessa coletividade, e ao mesmo tempo, em que é legitimado por ela, legitima-se nela, de forma simultânea. A individualidade está na maneira como cada indivíduo assume para si um discurso, uma memória e identidade coletiva. Dito de outra forma, o autor admite que seja a partir do passado histórico que a memória pessoal e coletiva enriquece-se, no momento em que o indivíduo social ressignifica sua memória construída, baseado na história dos seus antepassados, que se torna progressivamente a memória de uma coletividade, conforme anota Bosi (1994, p.74): “Ruas, casas, móveis, roupas antigas, histórias, maneira de falar e de se comportar de outros tempos. Não só não nos causam



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

estranheza, como, devido ao íntimo contacto com nossos avós, nos parecem singularmente familiares.”

A pesquisa deixa entrever que em Fonte Boa a história vivida e sofrida atravessa as lembranças que se prendem a velhos lugares que agora não existem mais, pelo menos não no campo concreto, mas que a festa do boi de maneira simbólica traz para o palco, ou melhor, para a arena. Mas que festa é esta que possui relação importante com a cidade que o barranco levou?

Do terreiro à arena: espaços da cultura popular no interior da Amazônia

A festa popular do boi-bumbá em Fonte Boa quase não possui referências dos seus primórdios em livros, documentos ou jornais. Praticamente tudo que sabemos vem dos escritos dos próprios participantes do evento ou da memória daqueles que brincaram nos terreiros à luz de lamparinas como seu Tinho, dona Creuza, seu Arigó da Arapanca, seu Moaca, seu Catulino e tantos outros.

Um dos fundadores do Festival Folclórico de Fonte Boa, professor Humberto Lisboa, nos explica da seguinte maneira a brincadeira do boi na cidade:

Como outras manifestações folclóricas do país tem origem na grande diversidade de povos que aqui se estabeleceram propiciando a fusão de diversos elementos culturais. No início era uma brincadeira realizada nas ruas e terreiros das residências. Eram dois bumbas: o Estrelinha, do centro da cidade, e o Tira Prosa, do bairro São Francisco. No período de 1980 até 2002 passaram a se apresentar na quadra de esportes municipal. Na década de 90 o evento evoluiu bastante e a disputa entre os bois tomou ares de ‘guerra’ na arena. O Tira Prosa, com as cores vermelho e branco, e o Corajoso, com as cores azul e branca, se tornaram famosos em todo estado do Amazonas.

Uma das hipóteses mais celebradas sobre o alvorecer da brincadeira do boi-bumbá em Fonte Boa é apontada, com base em depoimentos, por Ronildo Bonet (2006, p.17) em seu trabalho de conclusão de curso em Ciências Sociais:



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Os primeiros relatos de brincadeiras de cunho popular/coletivo afirmam que elas aconteciam nas ruas da cidade: manja, brincadeira de roda, queimada e o boi bumba de terreiro. Sobre este folguedo último, sabe-se que a sua primeira aparição no município de Fonte Boa ocorreu em uma das comunidades do rio Maiana (provavelmente a comunidade de Barreirinha), trazido por um senhor nordestino chamado Dalmácio, que veio para a Amazônia fugindo da grande seca e também atrás de riquezas com a borracha, em meados dos anos 30.

A descrição de Bonet encontra simetria com os depoimentos orais de muitas pessoas idosas que ressaltam a presença do senhor Dalmácio (alguns chamam de Dalmazio) como um dos primeiros a apresentar a brincadeira do boi na zona rural da cidade. Segundo essas pessoas, após retornar ao Nordeste, o senhor Dalmácio teria deixado o costume de colocar o boi para os seus filhos que, por conseguinte, o teriam trazido do interior para a sede do município.

Figura 4 – Boi de terreiro fonteboense na década de 60



Fonte: Pesquisa Documental

A senhora Creuza Lisboa⁷, uma das mais importantes mestras da cultura popular local, nos conta dessa época que passou a gostar de brincadeiras ainda na infância vendo o seu pai, José Ferreira Lima, organizando e brincando pelas ruas de Fonte Boa: “Todos os bois que inventavam na cidade meu pai estava no meio. Ele era a burrinha do amo, acho

⁷ No momento em que escrevamos este trabalho (28 de maio de 2018), recebemos a triste notícia do falecimento de dona Creuza Lisboa. Portanto, este artigo também é uma homenagem a ela, mestra da cultura fonteboense.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

que foi por isso”. Filha de cearenses que vieram para a Amazônia no período áureo da extração da borracha, tendo uma avó índia (Cocama ou Ticuna?), e um avô peruano, dona Creuza começou a colocar o boizinho chamado Estrelinha por causa de seu filho caçula. “Ele chorava e pedia para fazer o boi. Todos os outros filhos brincavam no boizinho”. “Mas, antes de mim, já existiam outros colocadores de boi como o Arigó da Arapanca, ele colocava o boi pra fazer medo pros outros”. Dona Creuza diz que organizava sozinha a brincadeira, e depois passou a contar com a ajuda de seus filhos, “Era apenas uma forma de brincadeira. O boi ia de casa em casa dançando para quem pagasse por sua língua. Tinha o amo do boi, dona Maria, os rapazes, os vaqueiros, o doutor, o padreco, a Catirina, o Negro Chico, o miolo do boi e os índios. O boi morria e vivia através de uma criança colocada atrás do rabo do boi, em seguida pedia-se para o boi urrar e ele urrava”.

Mais ou menos neste período recordado por dona Creuza, Charles Wagley (1988, p.206) realizava seus estudos na comunidade amazônica de Itá e dizia que “as festas de junho – Santo Antônio (dia 13), São João (dia 24) e São Pedro e São Paulo (dia 29) – são das mais características e tradicionais do Brasil”. O autor menciona ainda o caráter socializador dessas festas juninas tradicionais da cultura brasileira, segundo o mesmo, herdadas de Portugal e adaptadas às novas condições. Elas são motivos de reunião das famílias ao redor de fogueiras para comerem iguarias tradicionais, cantarem e dançarem. Dentre as brincadeiras realizadas na época junina em Itá, Wagley escreve que “o povo prefere o Boi-bumbá”:

Esta comédia do folclore tradicional é representada por atores locais em várias cidades do Norte do Brasil e em quase todas as comunidades amazônicas nessa época do ano. Mesmo em Belém várias companhias apresentam o Boi-bumbá em junho e julho (WAGLEY, 1988, p.207).

Nossos colaboradores recordam com muita propriedade da brincadeira daquele tempo. Falam do boi que dançava nos terreiros, nas ruas e na frente das casas daqueles que pagavam. Havia o chamamento do boi que ficava no meio da mata escondido. Os vaqueiros e toda a roda cantavam: “Vaqueiro de fama, estou te chamando e vai buscar meu boi pra roda, que o povo tá esperando...”. Quando se ouvia os foguetes era porque



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

o boi tinha sido encontrado, era uma alegria só. O boi vinha todo sujo de mato e lama, no caminho ele dava cabeçadas nas portas das casas, mas ninguém ficava com raiva, pois era uma festa, um prazer para a população que se reunia espontaneamente no mês de junho para brincar. Os materiais usados para a confecção das fantasias do boi de terreiro eram simples: papel de seda colorido, penas de garça, gavião e arara coladas com goma, chapéus de carnaúba enfeitados com espelinhos, fitas, algodão e papel brilhoso, além das máscaras de papelão. No final da encenação, o boi era repartido, cada pedaço ia para alguém conhecido da cidade. Era uma alegria receber um pedaço do boi. O que se observa é o caráter socializador da brincadeira, ansiosamente esperada pela população, agregando gente, em oposição, também sustentando as hierarquias sociais vigentes, como costa na repartição do boi somente às pessoas importantes.

Ao que parece as imagens simbólicas do antigo boi de terreiro fonteboense se formaram a partir do próprio cotidiano vivido por seus participantes cujas experiências eram narradas ou cantadas registrando acontecimentos triviais da sociedade local, ou mesmo fatos mais importantes de outros lugares, além das atividades de trabalho (pesca, caça, roça), os laços de parentesco, as relações com autoridades da cidade e os conflitos sociais. Pelo que ouvimos falar, a partida do boi era motivo de tristeza e nostalgia, toadas de despedida eram cantadas sempre aludindo à próxima temporada de boi e à saudade que o boi deixara.

Os versos das antigas toadas demonstram a simplicidade dos motivos do boi-bumbá de terreiro: a lua, o versador que canta toadas lisonjeiras à morena bela, o brincar São João à luz da fogueira, o tom do desafio que marcava os encontros entre bois rivais (Tira-Prosa e Estrelinha, por exemplo) que, segundo nossos informantes, sempre terminavam em brigas de paus e estacas, às vezes o próprio boi servia como arma, já que era feito de madeira e cipós resistentes. Deve-se mencionar que até meados dos anos 80 não havia uma preocupação com a ecologia, com a questão indígena ou com a tradição cabocla, as toadas feitas por pessoas simples agregavam elementos curtos e singelos de seu universo cotidiano.

Segundo nossos informantes, após a fase de terreiro, terminada no final da década de 70 quando a família Oliveira, decepcionada com a falta de incentivo, deixa de “colocar” a



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

brincadeira com toda a sua expressividade anterior (mesmo que seu Catulino - João Alfredo de Oliveira Filho, figura proeminente dessa fase - ainda tenha “colocado” a brincadeira até o início da década de 90, pouco antes de sua morte), o bumbá fonteboense inicia um segundo momento ao qual denominamos de boi de escola, quando a partir dos anos 80, professores, alunos, gestores e funcionários das escolas estaduais passaram a organizar e apresentar a brincadeira.

Figuras 5 e 6 – Boi de escola fonteboense (década de 90)



Fonte: Pesquisa Documental

“Em relação ao boi de escola, eu já era profissional, já trabalhava como professor, então havia a disputa entre o boi da minha escola, Waldemarina, acho que era o Tira-Prosa, e o boi do São José, Banho-de-Ouro. Então já havia uma disputa, mas não com essa alegoria de hoje, havia uma disputa com alguma inovação. Eu lembro que na gestão da professora Jany Lins, foi apresentado no boi um dragão, então a inovação já começava a partir daí”, recorda o professor Sebastião Ferreira Lima.

A quadra da escola estadual São José foi a primeira a receber a apresentação de cordões folclóricos organizados em disputa, dentre os quais a “dança do boi” (a escola criou o boi Banho-de-Ouro com as cores amarelo e preto), nesta sua nova fase. Segundo dizem, a quadra foi construída durante a gestão do prefeito Francisco Pereira de Souza, no



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

início da década de 80 do século passado atendendo aos pedidos de um grupo de professores que criavam naquele momento o I Festival Folclórico, justamente para este fim. As escolas tiveram participação importante na efetivação da antiga brincadeira de terreiro.

A versão atual de boi de arena surgido diretamente da fase escola anterior tem como marco a criação do Festival Folclórico de Fonte Boa por um grupo de professores em 1980. O modelo de apresentação e organização dos bois Corajoso⁸ e Tira-Prosa⁹ é similar ao de outros bois-bumbás do Amazonas, especialmente os de Parintins.

Figuras 7 e 8 – Boi de arena fonteboense (atual)



Fonte: Pesquisa de Campo

Pode-se observar um forte sentido simbólico nas alegorias, assim como nas letras das toadas e fantasias dos bois que jogam com motivos culturais regionais, o que confere à festa fonteboense uma série de elementos que expressam uma espécie de imaginário amazônico. Como explica Lévi-Strauss (1982), um jogo se efetiva em função de regras culturalmente construídas e nas múltiplas partidas que se joga, que tendem ao infinito.

A cultura popular afirma os valores dos envolvidos na festa, o brincar de boi torna-se ferramenta de crítica, de sarcasmo e de luta social, a rivalidade cultural se agrega a

⁸ É um boi preto, com uma estrela de cinco pontas na testa, e a maioria de sua torcida é formada por pessoas que moram nos bairros da Cidade Nova. Defende as cores azul e branca.

⁹ É um boi branco, com uma estrela e um ramo de samambaia vermelhas na testa. Sua torcida é basicamente formada por moradores dos bairros da Cidade Velha. Defende as cores vermelha e branca.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

outros elementos arcaicos e cresce em Fonte Boa. É, de fato, o que nos sugere a interpretação da festa dos bumbás, pois nela o fonteboense estabelece uma ponte com a sua história, seus anseios, seus conflitos, sua arte e capacidade imaginativa, construindo relações intra e extra-comunitárias, uma vez que tal manifestação cultural exige a participação não somente das comunidades rurais do município, mas também de outras cidades na sua construção e apresentação.

Considerações finais

Entendida como reminiscência rural no contexto da cidade, a festa do boi-bumbá em Fonte Boa demonstra a capacidade de adaptação dos grupos populares a novos cenários socioculturais que, por sua vez, são atravessados pelo lúdico, pelo jogo e pelas relações sociais das mais dispares.

Durante a sua trajetória do terreiro até a arena o boi-bumbá de Fonte Boa tem modificado seu sistema simbólico, embora observemos notórios elementos de continuidade como a rivalidade entre dois grupos rivais, a questão do lúdico, de brincadeira como o boi é carinhosamente chamado por muitos de seus participantes, a presença de diversos personagens do auto, a exaltação da mulher morena; por outro lado são evidentes as mudanças que vão desde a adoção de conteúdos regionais pelos temas e toadas (imaginário indígena, vida cabocla), passando pela profissionalização – artesãos tornaram-se artistas contratados que utilizam técnicas plásticas modernas; a morena bela torna-se cunhã-poranga; o grupo de índios, antes servil e sem graça que vai à procura de Pai Francisco agora é a tribo coreografada cheia de cores e ritmos; o pajé, outrora simples curandeiro que fazia o boi ressuscitar, ganha poderes mágicos para combater feras medonhas do imaginário amazônico; o papel de índio e caboclo ganha notoriedade; tambores forrados com pele de anta ou onça curtidas ao sol transformam-se nas poderosas batucadas com seus tambores e caixas amplificadas; as famílias que pagavam para ver o boi dançar em frente às suas casas foram substituídas pelo poder



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

público; os “donos” ou famílias deram lugar às diretorias institucionalmente organizadas.

Neste transcurso de praticamente 80 anos do boi-bumbá fonteboense, as brigas de rua cederam lugar a uma disputa regulamentada com jurados e itens, sujeitos e famílias, em diferentes momentos, exerceram papéis importantes (e ainda exercem), boizinhos surgiram para depois desaparecerem, lugares tornaram-se especiais para mais tarde serem substituídos, é com Corajoso e Tira-Prosa que a festa vai alcançar seu amadurecimento, entre as fases de escola e arena, que a sociedade fonteboense vai se identificar, se polarizar e tentar ser vista e reconhecida para além de suas fronteiras.

Portanto, o boi que se brinca na cidade de Fonte Boa é um boi mestiço que ainda conserva elementos do drama e da dança dramática envolvidos com aspectos técnicos modernizantes, cujas referências são buscadas na vida e no cotidiano dos sujeitos da região amazônica. Nele não se mostra mais um índio batizado subserviente ao branco como no estágio inicial do festejo do boi, mas sim um indígena transmutado, de cultura material e imaterial redimensionadas a partir de profundas reformulações estéticas baseadas em parâmetros do espetáculo de massa. É ainda um boi que quer mostrar crítico a partir de uma retórica regional de preservação da natureza e de seus povos tradicionais, sustentada artisticamente em seguidas apropriações culturais do Carnaval e do boi de Parintins, mas que ao mesmo tempo busca de todas as formas se legitimar junto ao poder público e aos visitantes, constituindo-se em definitivo num princípio deflagrador da identidade sociocultural local.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Referências

- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Trad. Antonio Pádua Danesi. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BONET, Ronildo. **Práticas políticas no município de Fonte Boa, interior do Amazonas**. Monografia de Conclusão de Curso apresentada ao Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Amazonas, sob a orientação da Dra. Isabel Vale. 2006.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.
- BRAGA, Sérgio Ivan Gil (Org.). **Culturas populares em meio urbano**. Manaus: Valer, 2009.
- CÂMARA CASCUDO, Luis da. **Antologia do folclore brasileiro**. 10. Ed. São Paulo: Global, 2001.
- _____. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.
- DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. Trad. Helder Godinho. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- DURKHEIM, Émile. **Sociologia e Filosofia**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2003.
- GALVÃO, Eduardo. **Boi-bumbá: versão do baixo Amazonas**. In: Anhembi. São Paulo, v.3, nº 8, julho, 1951.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Centauro, 2004.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. Irene Ferreira *et al.* Campinas: Unicamp: 2003.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural II**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1982.
- LISBOA, Humberto. **Fonte Boa: chão de heróis e fanáticos**. Fonte Boa: Editora Nossa Senhora de Guadalupe, 1998.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**. Belém: CEJUP, 1995.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

_____. **Tradição, tradução, transparências.** In: SOMANLU:
Revista de Estudos Amazônicos do Programa de Pós-graduação Sociedade e Cultura na
Amazônia, da Universidade Federal do Amazonas. Ano II, nº 2: edição especial -
Manaus: Valer, 2002.

OLIVEIRA, José Aldemir de. **Cidades na selva.** Manaus: Valer, 2000.

WAGLEY, Charles. **Uma comunidade amazônica.** São Paulo: EDUSP, 1988.